

Ficção distópica ou crônica do presente?
A incessante busca pelo instantâneo, a massificação digital
e a exclusão do particular

GABRIEL CHIAROTTI SARDI ¹

Por muito tempo, os leitores de ficção científica tiveram a sutil impressão de que muitos dos cenários distópicos retratados nas obras eventualmente poderiam, em maior ou menor grau, tornarem-se reais. Porém, esse sentimento sempre veio acompanhado da sensação de que tais *absurdidades* somente ocorreriam no futuro, seja distante ou próximo. Talvez isso se deva, em grande parte, aos exageros com que tais ocorrências ficcionais são retratadas, o que acaba por gerar a impressão de que apenas diante de algo grandiosamente sinistro estaremos, de fato, imersos em um mundo semelhante a um episódio de *Black Mirror* ou a uma obra de Aldous Huxley.

Todavia, uma das características que permeiam os cenários ficcionais distópicos é haver uma “sensação de normalidade” comum à maioria das personagens – e isso nos traz certo espanto e desconforto. Assim, poderíamos nos perguntar: por que tais absurdos são normalizados naquele contexto? Provavelmente, conjecturamos, eles foram gradualmente introduzidos e se tornaram parte do cotidiano das pessoas, até o ponto em que todo aquele conjunto de ações, objetos e condições sociais foi assimilado como necessário e normal.

A partir disso, poderíamos supor que o mesmo tipo de assimilação já ocorra em nosso meio, ao ponto de caminharmos rumo a uma distopia. Algumas pessoas podem considerar absurda esse tipo de suposição por entenderem que nada do que fazemos ou utilizamos em nossa vida cotidiana se assemelhe a cenários distópicos da ficção literária ou cinematográfica. Eu, particularmente, discordo tanto do sujeito que rejeita a primeira suposição, quanto daquele que acredita que *ainda* estamos nos estágios iniciais dessa condição; pois, para mim, esse futuro distópico já chegou.

¹ UEL. Doutorando em Filosofia pela USP. E-mail: gabrielchi@hotmail.com

Ficção distópica ou crônica do presente?

A incessante busca pelo instantâneo, a massificação digital e a exclusão do particular

Pensemos como seria viver em um mundo no qual você é constantemente *avaliado* por terceiros, numa escala de notas, e que, a depender da sua pontuação, você tem acesso a serviços de melhor ou pior qualidade. Seus avaliadores não necessitam justificar sempre a pontuação concedida e podem, livremente, dar uma nota boa ou ruim a depender de alguma opinião que você expresse, seja uma posição política ou até mesmo algo leviano, como seu clube de futebol ou o estilo de música que você costuma ouvir em seu carro. Você, nesse cenário, acaba sendo refém de um sistema de opiniões que pode influenciar sua condição financeira e precisa emular um comportamento “neutro” ou se adequar às opiniões expressas por uma maioria de pessoas (que não é tão amigável a críticas).

Essa “opinião generalizada” é constantemente reforçada por um nicho digital, no qual você encontra apoiadores que legitimam suas ideias preconcebidas e reforçam estereótipos e preconceitos. Essa legitimação, via um amplo espaço digital público, se dá através de textos minúsculos, já que a plataforma digital não aceita opiniões expressas em mais de 300 caracteres. Pode-se também se dar através de vídeos excessivamente curtos, nos quais qualquer pessoa, mesmo sem formação adequada alguma, pode emitir uma opinião superficial travestida de conhecimento e receber apoio, pois, ora a estética do vídeo é atraente e o orador eloquente, ora o público não tem noção real da veracidade das cenas retratadas no vídeo – na medida em que já existem inteligências artificiais generativas que criam textos, fotos, áudios e vídeos falsos que simulam perfeitamente uma situação factível.²

Imaginemos também que nesse mundo de nicho digital as grandes companhias de tecnologia desenvolvam algoritmos baseados em conhecimentos das ciências cognitivas, a fim de viciar cada vez mais as pessoas e torná-las completamente dependentes desses produtos e estímulos visuais instantâneos. Tal circunstância gera um comportamento padronizado, que preza mais pela velocidade do que pela profundidade, pela quantidade do que pela qualidade. É bem plausível supor, creio, que nesse cenário de legitimação digital de posições

² Tais produtos artificiais são tão críveis que, talvez o leitor deste texto possa se perguntar se ele foi escrito por um humano, por uma I.A. ou por ambos, sem saber como desvendar essa questão.

massificadas e de bombardeio constante de estímulos, o padrão se torne, cada vez mais, a defesa de posições extremistas e polarizadas, pois somente posturas exacerbadas são capazes de atrair mais atenção, tanto por se configurarem como um diferencial diante da massificação instantânea, quanto por unificarem e darem vazão aos contínuos e incessáveis estímulos padronizáveis que defendam posições irrefletidas e simplificada.

Indo além, concebamos que nesse mundo ocorra o fenômeno de perseguição àqueles que destoem minimamente do que o grupo preponderante prega; a consequência seria a destruição de reputações e relações sociais sem o devido processo de defesa – até porque em um mundo que anseia pelo instantâneo, não há tempo hábil para esclarecimentos antes que algum estrago já tenha sido feito.

Agora, também vamos supor que nessa realidade os grandes empresários detentores desses espaços digitais massificados possuem preferências políticas bem delimitadas e não se importem em empregar seus recursos para influenciar o rumo do debate público, de regimes políticos (democráticos ou não) e até integrem governos de alguns países.

Uma outra consequência desse novo mundo é que as atividades que demandem mais tempo ou privacidade já não soam tão interessantes. O prazer pela leitura, pela atividade física, pelo estudo sério e aprofundado — nada disso é recompensatório, pois exigem tempo e não traz um benefício instantâneo à luz dos olhares alheios. Essas coisas só passam a ter sentido se forem exibidas publicamente nos espaços digitais e estiverem em consonância com o que os grandes nomes de influência das massas acreditam. Supondo que essas atividades passem a se tornar uma moda (e, não nos esqueçamos: o antipadrão também pode ser um padrão em um mundo polarizado), então talvez seja mais fácil simular a leitura de um livro por meio de uma foto ou o consumo de drogas artificiais com finalidades estéticas, para que os demais integrantes do nicho em que o sujeito se insere creiam que ele está correspondendo aos ditames sociais que estão em voga naquele momento.

Por falar em correspondência a ditames, nesse mundo as atividades que outrora estavam relacionadas a aspectos pessoais da vida acabam

Ficção distópica ou crônica do presente?

A incessante busca pelo instantâneo, a massificação digital e a exclusão do particular descaracterizadas e se tornam apenas mais um meio de ampliar a visibilidade no espaço público. Questões estéticas e religiosas precisam ser continuamente exibidas, pois, nesse contexto, o que importa é a impressão alheia — e não mais a experiência artística ou espiritual particular. O amor demonstrado a um ente querido, mesmo que ele já não esteja mais vivo, só é verdadeiro se exibido como uma “homenagem” pública. Não há mais mistério, profundidade e particularidade: tudo deve ser de fácil assimilação, atrativo e visualizado por todos.

Uma outra consequência dessa realidade é que algumas pessoas passam, cada vez mais — em busca de uma visibilidade competitiva —, a praticar atos e comportamentos absurdos, que vão desde práticas que prejudicam a própria saúde até insanidades que ameaçam a vida de outras pessoas.

Todos esses cenários retratados parecem extraídos de contos de ficção distópica, mas são, claramente, constatações óbvias do tempo presente. Motoristas de aplicativo e seus passageiros, por exemplo, avaliam-se mutuamente e nem sempre essas avaliações correspondem a critérios profissionalmente objetivos.

Já as redes sociais se tornaram espaços de propagação instantânea de ideias superficiais, nos quais qualquer pessoa pode opinar sobre qualquer tema; lugares em que a validação — feita por terceiros — de comportamentos errôneos, criminosos e ignorantes traz a falsa impressão de que tudo é defensável, permissível e correto. Nessas redes, você só se sente *alguém* caso tenha visibilidade e suas experiências só possuem valor se são visualizadas e apreciadas (ou invejadas) por outros.

As *big techs* continuamente investem em tecnologias viciantes que tornam as pessoas cada vez mais dependentes de seus apetrechos e recursos, sem que se deem conta dos perigos de confiar a um pequeno grupo de pessoas a forma como acessamos, recebemos e processamos informações — cuja fonte e estrutura raramente questionamos.

Todas essas relações sociais, que se assemelham a enredos de ficções distópicas são continuamente naturalizadas. A pergunta já não é mais quando

SARDI, C. G.

estaremos em um futuro distópico, mas sim quando tomaremos consciência de que já vivemos nele.

Submissão: 10. 04. 2025

/

Aceite: 15. 06. 2025